

Histeria anti-indústria revela o atraso de economistas liberais

Pandemia e guerras catalisaram mudanças geopolíticas que exigem um olhar renovado sobre a economia

André Roncaglia

Professor de economia da Unifesp e doutor em economia do desenvolvimento pela FEA-USP

A histeria que se seguiu à apresentação do pacote inicial de medidas pelo Mdc/BND&S revela o atraso de economistas liberais brasileiros: na sanha de perpetuar o atual modelo extrativista-agrofinanceiro, prendem-se a ideias obsoletas. A pandemia e a temporada de guerras quentes catalisaram profundas mudanças geopolíticas, as quais exigem um olhar renovado sobre a economia, com destaque especial recente do FMI (2024).

A prestigiada Harvard Business Review destacou a "nova era da política industrial".

O plano Biden prova que até Washington abandonou o consenso dos anos 1990, com seu trilionário pacote de subsídios e incentivos setoriais. A revista The Economist (2/1) desmudou o novo espírito do tempo com sua típica objetividade: "Uma economia deve evoluir da pobreza agrícola para indústrias diversificadas [para] que possam competir com países rivais que são ricos há séculos".

Para isso, "são necessárias infraestruturas, pesquisa e capacitação estatais" bem como "empréstimos a taxas subsi-

diadas", o que torna "inevitável um certo envolvimento do Estado no processo". A revista reconhece que muitos países "perderam a paciência com o Consenso de Washington", cujas promessas não foram cumpridas (FMI 2016).

Em esse contexto que se deve avaliar o programa Novo Indústria Brasil, do governo federal. Com impacto fiscal ínfimo, o plano promove uma agenda de Estado, apoiando o setor industrial brasileiro por meio de diferentes linhas de crédito, equity e recursos não reembolsáveis para alavancar a produção e a inovação industrial.

O plano se orienta por missões transversais que atacam problemas com alta sensibilidade social. Em vez da indústria de setores e empresas do passado, o plano fomenta novos ecossistemas produtivos. O foco reside na articulação público-privada para o fornecimento de infraestruturas físicas e sociais para o desenvolvimento de novas atividades ligadas à sustentabilidade ambiental. Os eixos dessa política de inclusão produtiva e resiliência econômica são: a digitali-

zação da indústria e das pequenas e médias empresas, o fomento das cadeias agroindustriais e da bioeconomia, a mobilidade urbana, a internalização da produção de insumos da saúde e de tecnologia, as críticas de defesa nacional.

A natureza "pré-distributiva" da iniciativa aparece na geração de empregos de melhor qualidade, bem como na oferta de bens públicos básicos, complementando os programas sociais e fornecendo bases para o crescimento de longo prazo.

A política usa subsídios financeiros (e não fiscais) apenas nas atividades claramente focadas em inovação, instrumento largamente usado pelas potências ocidentais. Ademais, o BND&S lançou letras de crédito, títulos verdes e fundos e pode dar garantias a projetos privados, canalizando recursos privados ociosos para projetos socialmente relevantes.

O aprendizado tecnológico e a rentabilidade em atividades intensivas em capital dependem de diversas economias de escala e de demanda previsível,

caso do complexo industrial da saúde. Com efeito, o plano recorre à exigência de conteúdo local de compras governamentais — instrumento ainda aceito pela OMC (Organização Mundial do Comércio).

É estapafúrdio a alegação de que o plano impedirá nossa integração às cadeias globais de valor. André Nassif e Paulo Morciceiro (2023) mostraram que o Brasil aumentou a dependência de manufaturados importados de 66% para 91%, entre 1990 e 2020. Já as exportações de produtos primários aumentaram de 17% para 45% em igual período. Estamos bem integrados numa faixa nada nobre das cadeias globais de valor. Superar essa condição exige políticas estruturantes.

O plano pode se beneficiar de críticas construtivas, como a definição de metas mais concretas. Porém, tratar a transição econômica como um custo — em vez de investimento — é a receita para o imobilismo.

Em jornalismo: é preciso atualizar o "mindset" para a nova era!

[dom, Samuel Pessoa] | [seg, Marcos de Vasconcelos, Rorlando Lemos] | [ter, Michael França, Cecília Machado] | [qua, Bernardo Guimarães] | [qui, Cida Bento, Selangir Sraur] | [sex, André Roncaglia] | [sáb, Marcos Mendes, Rodrigo Zeiden]

EUA afastam temor de recessão e crescem mais que o esperado

PIB avança 3,3% anualizados no 4º trimestre e fecha 2023 com alta de 2,5%

Claire Jones e James Politi

CHICAGO E WASHINGTON | SEI. O *Financial Times* a economia dos Estados Unidos se expandiu em um ritmo mais rápido do que o esperado no quarto trimestre de 2023, impulsionada por fortes gastos do consumidor. O crescimento no ano foi de 2,5%.

Os números apontam para a resiliência da economia dos EUA mesmo com o Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) mantendo as taxas de juros mais altas para conter a inflação.

Segundo dados divulgados pelo Departamento de Comércio nesta quinta-feira (25), o PIB (Produto Interno Bruto) no quarto trimestre do ano passado cresceu a uma taxa anualizada de 3,3%. Economistas consultados pelo Reuters previam uma alta de 2%.

Essa leitura do PIB consolidou a posição dos Estados Unidos como o principal impulsionador do crescimento global", disse Eswar Prasad, pro-

fessor de economia da Universidade Cornell. Também nesta quinta-feira, dados mostraram que a inflação no país subiu a uma taxa anual de 3,2% no quarto trimestre, abaixo dos 3,6% do trimestre anterior.

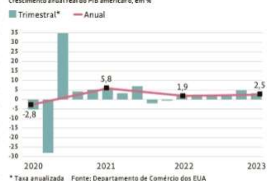
Os dois conjuntos de dados sugerem que a economia está caminhando para um "pouso suave", no qual a inflação é controlada sem desencadear uma recessão. O crescimento do PIB do quarto trimestre de 2023 em relação ao mesmo trimestre de 2022 foi de 3,1%.

Os números também podem ser um impulso para o governo Biden antes das eleições de novembro, com sua campanha tentando reverter a insatisfação pública com a gestão econômica.

A pesquisa mais recente do *Financial Times*-Michigan mostrou que 62% dos eleitores consultados desaprovaram o governo Biden na economia, com preços altos persistentes para produtos

PIB dos EUA cresce 2,5% em 2023 e supera expectativas

Crescimento anualizado PIB americano, em %



básicos entre as reclamações.

A Casa Branca tem se esforçado para reverter essas percepções, divulgando uma alta que foram as medidas do governo para aquecer a economia que provocaram um renascimento "notável tanto em termos de velocidade quanto de equidade".

Janet Yellen, secretária do Tesouro dos EUA, disse em Chicago na tarde desta quinta que foram as medidas do governo para aquecer a economia que provocaram um renascimento "notável tanto em termos de velocidade quanto de equidade".

Desde março de 2022, o Fed elevou sua taxa de referência em 5,25 pontos percentuais. Prasad, da Universidade Cornell, disse que os bons números dos EUA contrastam com perspectivas menos favoráveis em outras partes da economia global.

"Essa performance excepcional e inesperada é o acontecimento econômico de 2023 e um presságio positivo para o que, de outra forma, está se configurando como um ano sombrio para o crescimento global".

Yellen disse que o desempenho forte dos EUA é "o mais rápido registrado" — e mais do que apenas uma recuperação pós-pandemia. "Também nos concentramos em desembarcar as cadeias de suprimentos e trazer mais americanos para a força de trabalho".

O discurso de Yellen em Chicago ocorre enquanto ela se prepara para uma série de eventos projetados para mudar as percepções dos eleitores americanos sobre a economia de Biden no período que antecede as eleições.

Em Wall Street, o S&P 500 subiu 0,23%, alcançando um novo recorde de pontuação, enquanto o Dow Jones teve alta de 0,64%. O Nasdaq ganhou 0,88%.

O mercado financeiro no Brasil acompanhou o bom humor, e o dólar fechou em queda de 0,15% ante o real, a R\$4,922. Já o Ibovespa subiu 0,27%, a 128.150 pontos. Apesar de ser feriado na cidade de São Paulo, o mercado de câmbio e a Bolsa de Valores operam normalmente.

Com Notícias e Cota Hora, de São Paulo



PIB Subjornal/SPF

BANCO CENTRAL EUROPEU MANTÉM JUROS EM 4%

O BCE (Banco Central Europeu) manteve nesta quinta (25) sua taxa básica de juros em 4% e observou que a inflação subjacente — que exclui itens voláteis, como energia — continuou a cair, também devido aos altos custos de empréstimos. "A tendência de queda da inflação subjacente continuou, e os aumentos anteriores dos juros continuam sendo transmitidos com força para as condições de financiamento", disse a autoridade monetária. Com a decisão, o BCE, presidido por Christine Lagarde (na foto, em vista a memorial do Holocausto em Frankfurt), deixou a taxa que paga sobre os depósitos bancários, a referência para os custos de empréstimos na zona do euro, em 4% — seu nível mais alto desde que o BCE foi criado — e repetiu que permanecerá lá por algum tempo.